

# Nina e Rosário

Aguinaldo Gonçalves

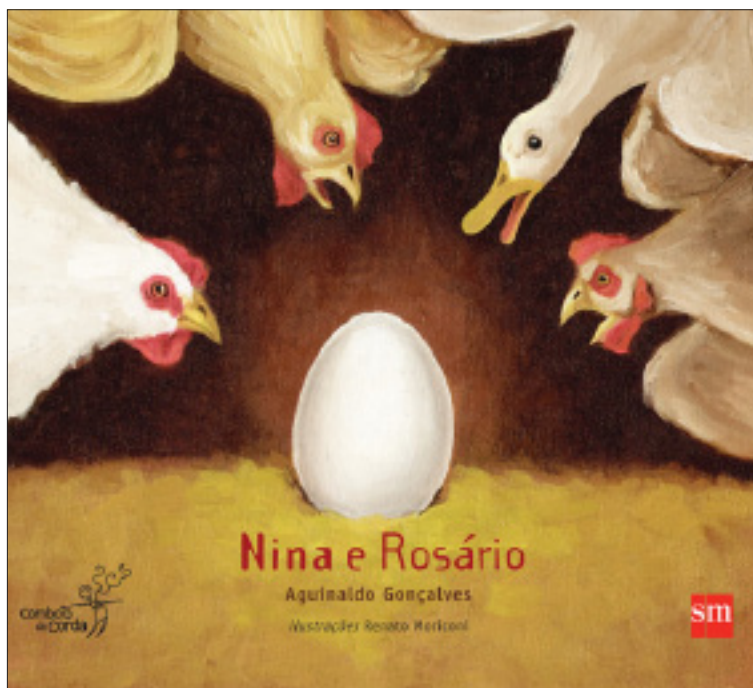
Ilustrações Renato Moriconi

Temas abordados Adoção interespécies • Relação mãe-filha • Choque de gerações



## GUIA DE LEITURA

### PARA O PROFESSOR



32 páginas

**O AUTOR** Aguinaldo Gonçalves nasceu em Buritama (SP). Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), é professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São José do Rio Preto (SP). Estreou como ensaísta aos 19 anos, publicando no *Suplemento Literário de Minas Gerais* uma análise do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Poeta e crítico de artes, é autor de *Signos (em) cena: poemas/ensaios* (São Paulo: Ateliê, 2010), *Museu movente: o signo da arte em Marcel Proust* (São Paulo: Edunesp, 2004), *Laokoon revisado: relações homológicas entre texto e imagem* (São Paulo: Edusp, 1994) e *Transição e permanência. Miró/João Cabral: da tela ao texto* (São Paulo: Iluminuras, 1989), prêmio APCA 1990. *Nina e Rosário* é sua estreia na literatura infantil.

**O LIVRO** Diante de doze ovos misteriosamente surgidos no viveiro de aves, fala alto o preconceito. As galinhas temem ser acusadas de infidelidade e o galo, ferido em seu orgulho de macho, especula quem seria o pai por trás daquela aparição. A balbúrdia provocada pelos ovos é logo interrompida por Rosário, galinha velha e caolha, que decide chocá-los. No entanto, apenas um ovo vinga, e nasce Nina, a angolinha. Com o passar do tempo, por seus estranhos hábitos, ela é discriminada pelos demais e incompreendida até mesmo pela mãe, que, a despeito do amor que as une, não consegue acompanhá-la. Por fim, os solitários voos de Nina tornam-na presa fácil de Glauco, fera do quintal. Nas garras desse cão, toda a estranheza se dissipa, para loucura de Rosário, doravante “órfã” da filha adotiva.

**O ILUSTRADOR** Renato Moriconi nasceu em Taboão da Serra (SP), em 1980. Formado em Artes Plásticas e pós-graduado em *Design Gráfico*, é autor e ilustrador de uma série de livros publicados no Brasil, na França e na Coreia do Sul. Entre seus títulos mais conhecidos destacam-se *O sonho que brotou* (São Paulo: DCL, 2010) e *Dia de sol* (São Paulo: Jujuba, 2010). Em parceria com Ilan Brenman, ilustrou os livros *Telefone sem fio* (São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2010), Prêmio FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) 2011, categoria Imagem, e *O alvo* (São Paulo: Ática, 2011), Prêmio FNLIJ 2012, categoria Melhor Livro do Ano. Site oficial: <<http://www.moriconi.com.br>>.

## Explorações paralelas

### PRECONCEITO, TOLERÂNCIA E RESPEITO

A história de *Nina e Rosário*, em que as aves desprezam a angolinha desde o ovo, perfaz o sentido da palavra *preconceito*. De *pré-* + *conceito*, significa qualquer opinião concebida antes de exame crítico, hostilidade decorrente de uma generalização, sem conhecimento. Em verdade, o preconceito implica um complexo de atitudes, com elementos perceptivos, emocionais e comportamentais.

Oposto do preconceito é a *tolerância*, cuja etimologia, do latim *tolerantia*, *ae*, designa a capacidade de admitir, nos outros, formas de pensar, sentir e agir diferentes das nossas (como faz Rosário diante das inclinações de Nina, que ela acolhe mesmo sem compreender).

No plano das relações humanas, no entanto, em que diferenças de cor, credo, orientação sexual, por exemplo, envolvem frequentemente não apenas discriminação, mas também acesso desigual a determinados direitos, o discurso em favor da tolerância às vezes recebe duras críticas. Isso ocorre quando a tolerância se torna uma espécie de “aceitação à revelia”, de condescendência com pessoas ou grupos considerados inferiores ou desprezíveis. Nesses casos, melhor que a tolerância é o respeito e o reconhecimento formal de direitos, independentemente da disposição subjetiva em relação aos sujeitos que os detêm.

## LEITURA DA OBRA

### 1. SONS, FORMAS E PALAVRAS: A TRAGÉDIA NO OVO

Ovos novos no terreiro do galo: *Nina e Rosário* se abre com a imagem onomatopaica da indignação de galos e galinhas, além de patos, gansos e perus, todos agitados com o surgimento de “ovos estranhos”. As ilustrações iniciais do livro ecoam os atônitos *cocorococóóóóóóóóós*, concentrando em asas e cabeças o susto perante um caixote de ovos.

O expressivo emprego das onomatopeias redundante na imagem do coro revoltado, que tem, ao centro, o galo solista. “Que ovos são esses?”, perguntam as aves preconceituosas (p. 6). E a resposta é concisa e incisiva: “Eles eram ovos”. Apontados como “estranhos”, eram ovos como quaisquer outros: chocados, poderiam vingar ou gorar.

Cega de um olho, mas enxergando com o coração, uma galinha velha ganha voz: “Os ovos são meus, eu os chocarei”. Promovida a protagonista, Rosário se aferra ao papel de mãe, ocupando a maior parte das páginas 9 e 10.

Contudo, em seguida, nas páginas 12 e 13, o que vemos são cascas quebradas aos pés da infeliz. E a ilustração “escurece”, em sintonia com a frustração do sonho materno. Vale também notar que, nesse momento da história, até as demais aves, antes barulhentas, silenciam enquanto Rosário entoava sua agonia, seu “canto em desencanto”.

Do nada, porém, surge, inesperada, a voz de uma sobrevivente: “Tô fraco!”. Era primavera, uma angolinha afinal nascera. E as páginas seguintes, em tons novamente claros, trazem a recém-nascida, cuja descrição antecipa de certa maneira seu destino trágico: “A fragilidade e a pureza eram seu legado” (p. 14). E aqui cumpre destacar outra onomatopeia: a voz da galinha-d’angola, sintetizando-lhe a sina, é um *fraquejar*.

Assim, o destino da protagonista pode ser mais bem compreendido ao se lerem atentamente os sons, desenhos e palavras da primeira metade do livro: o **preconceito**, a possibilidade de convivência afetiva e, por fim, o sentimento de fragilidade da vida, que abrandava as atitudes preconceituosas e converte o amor em melancolia.

### 2. PRECONCEITO E ADOÇÃO

O livro encena logo de início o embate entre o preconceito, enraizado na postura narcisista do galo, “rei do terreiro”, e a abertura ao diferente, propiciada pela “sede de amor” que marca Rosário.

### DE PATO A PINTO

Ao lado dos irmãos Grimm e de Charles Perrault, o autor de “O patinho feio”, Hans Christian Andersen (1805-1875), é considerado um dos fundadores da literatura infantojuvenil. Autor de peças de teatro, poemas e romances, foi sobretudo com seus contos de fada que obteve reconhecimento mundial.

No Brasil, o criador da literatura infantil é Monteiro Lobato (1882-1948). Numa tradição que desemboca em *Nina e Rosário*, Lobato incluiu, entre as *Histórias de Tia Nastácia*, “O pinto sura”. Vítima das outras aves por ser diferente, o sura tem a fantasia como aliada do amadurecimento, numa realidade adversa, repleta de bicadas. Também do terreiro das aves é a “Tragédia dum capão de pintos”, conto de *Cidades mortas*, que narra a história de sofrimentos de uma ninhada singular, constituída de pinto, marreco e peru, e de seu pai adotivo, o galo capão.

### ANGOLA: AVE E PAÍS

Também conhecida como galinha-do-mato, pintada, angolinha, capote, conquém, estou-fraca, guiné etc., a galinha-d’angola é uma ave da ordem dos galiformes. Estudando as semelhanças e diferenças entre as aves, a ornitologia, ramo da zoologia, agrupa-as em mais de sessenta tipos, denominados ordens. Pertencem à ordem dos galiformes, além das

Veja-se a comparação do galo com os ditadores, cuja segurança se constrói entre gritos e cristas: “O solista era o galo, rei do terreiro, que conduzia as demais vozes. [...] / De fato, o galo, habitualmente altivo, a desfilar com a segurança dos grandes ditadores, parecia ferido em seu orgulho. Estava de crista baixa. Já vivera histórias terríveis, mas nunca imaginara a humilhação perante tantos ovos, filhos sabe-se lá de quem” (p. 6). A comparação se desenvolve: o galo, que “sempre tivera as galinhas a seus pés”, desconfia injustamente da fidelidade delas e, vendo seu mundo desabar com aquela “invasão”, é o primeiro a desprezar os ovos estranhos. E o preconceito se estende às demais galinhas, que, outrora rivais, se aliam na expressão de ira contra os invasores: “– Vou furar os olhos de cada pintinho que nascer! – exclamou a galinha garnisé [...]. / – Na comida de meus filhos eles não tocarão; eu os ciscarei para longe! – disse a carijó, depois de jogar terra sobre os ovos. / – Vou arrancar uma a uma as penas desses intrusos – cacarejou a galinha de pescoço pelado, mais quieta que as outras, porém muito vingativa” (p. 7).

Em contraste com a hostilidade dessas aves, onde os outros veem ameaça Rosário vê apenas desamparo. Aqueles ovos eram promessa de vida à espera de calor. A ilustração de Rosário imóvel no ninho na página 9 e o acúmulo de verbos no início da 11 revelam o poder de doação daquela mãe postiça: “Dia após dia, sob o olhar de todo o viveiro, ela *chocou, aqueceu, protegeu* os doze ovos com dignidade e sentimento materno. Quase não se alimentava, não dormia, sequer passeava pelas redondezas”.

O tema da adoção interespecies não é novo na literatura infantojuvenil. Na célebre história de **Hans Christian Andersen** “O patinho feio” (1843), um cisnezinho vai parar por engano numa família de patos. Considerado feio entre eles, o filhote diferente só se encontrará ao ser reintegrado a sua família de origem. Assim, os conflitos do conto se resolvem numa moral segregacionista: cada qual tem um lugar predefinido, que não deve ser contrariado – cisnes só devem viver com cisnes; patos, com patos.

Já *Nina e Rosário*, a despeito do final trágico, aposta na possibilidade de convívio entre diferentes, sem escamotear as dificuldades no relacionamento mãe-filha.

### 3. UMA ESTRANHA NO NINHO

A adoção interespecies trouxe consigo um conflito entre amor e instinto: se o verão uniu mãe e filha, “como se fossem da mesma carne”, logo se manifestou o “abismo” entre elas (p. 17). E aqui sobressai a caracterização da **angola** como uma galinha estranha,

▶ galinhas-d'angola, galinhas, perus, faisões; anseriformes são os gansos, patos, marrecos, cisnes; passeriformes, os bem-te-vis, sabiás, pardais, canários; psitaciformes, as araras, periquitos, papagaios; falconiformes, os gaviões, águias; esfenisciformes, os pinguins. As galinhas-d'angola chegam a botar oitenta ovos por ano, mas são péssimas chocadeiras. Originárias da África Ocidental, foram trazidas ao Brasil por colonizadores portugueses.

Angola também é o nome do país africano cuja capital é Luanda. Ex-colônia de Portugal, como o Brasil, seu idioma oficial é o português, embora ali também se falem línguas africanas, como o umbundo e o quimbundo.

### SIMONE WEIL E O DESENRAIZAMENTO

Para a filósofa francesa Simone Weil (1909-1943), o enraizamento talvez seja a principal e mais desconhecida necessidade da alma humana: o homem precisa ter uma raiz, ou seja, participar da coletividade em que nasceu, da qual recebe sua herança cultural, moral, intelectual, espiritual, profissional. Conquistas militares em que os invasores se apoderam do território alheio e permanecem estranhos aos povos submetidos provocam nestes o mal do desenraizamento, muitas vezes suprimindo tradições locais. Weil sublinha que, mesmo quando não há conquista militar, o desenraizamento pode provir do poder do dinheiro e da dominação econômica estrangeira.

incapaz de espelhar a mãe. Serelepe, ela brincava sozinha, afastando-se das outras aves e também de Rosário, que, por mais que forcejasse, carecia de fôlego para acompanhá-la. O autor, além de criar neologismos a partir do nome da espécie (como o verbo “angolar” e o substantivo “angolice”), atribui a singularidade da personagem a sua origem estrangeira: “Era levada à força por sua natureza, talvez respondendo aos chamados da distante África, de onde viera sua espécie” (p. 18). A solidão de Nina no viveiro, representada nas ilustrações realistas do livro, ecoa essa origem distante. Trata-se de uma exilada, vítima de **desenraizamento**.

É marcante a incompreensão que a cerca. Perus, em seu “glu-glu interminável”, comentavam: “Que franguinha mais esquisita!” (p. 22). Franguinha ou angolinha? A identidade da filha inquietava também Rosário, mais segura da afeição que do sangue, o qual ligava a filha aos irmãos natimortos: “Contudo ela não esperava que, na filha, o sangue falasse mais alto do que o afeto. Era como se as angolas que não vingaram se unissem a ela dando-lhe a força coletiva que faltava à sua vida” (p. 20).

A força trágica do livro advém de se caracterizarem intensamente tanto o amor materno de Rosário como o instinto de Nina. Fugindo ao convencional, a mãe não impõe ordens à filha, antes lhe obedece, embora com grande aflição: “Apesar dos comentários, nunca se viu amor tão forte como o que unia Rosário a Nina. Mesmo sem se compreenderem, elas se adoravam! Sentindo cada vez mais dificuldade para se portar como galinha, a angola foi aos poucos trazendo a mãe para seu mundo. (...) E a mãe se submetia de modo surpreendente. / Em Nina, porém, o anseio por liberdade era difícil de disfarçar. Seus voos, que começavam a ficar cada vez mais longos e imprevisíveis, deixavam a mãe de coração apertado” (p. 23).

A distância entre o amor materno e a índole da filha se aclara na ilustração da página 25, na qual se veem a cabecinha de Nina, empoleirada no alto, e Rosário na base da escada. Como previra o canto do galo (“O galo cocoricava adiantado um canto triste”), a distância entre as duas se alargaria em saudade.

No Brasil, a história é marcada por impasses de desenraizamento: o genocídio e a aculturação das populações indígenas, a escravização dos africanos e, mais atual, a alienação do mundo globalizado.

Ver WEIL, Simone. O enraizamento (1943). In: *Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação: Ecléa Bosi. Tradução: Therezinha Langlada. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 411-2.

### A MELANCOLIA E IDENTIFICAÇÃO COM OS OBJETOS PERDIDOS

No célebre ensaio “Luto e melancolia”, de 1917, Sigmund Freud (1856-1939) caracteriza tanto o luto quanto a melancolia como reações à perda de um objeto amado. No entanto, ele explica que, se nos dois processos há desinteresse pelo mundo externo e afastamento das atividades corriqueiras, na melancolia o desinteresse assume uma forma patológica e vem acompanhado de queda da autoestima, sentimentos de autorreprovação e perda da capacidade de amar. Isso se deveria a dificuldades na retirada da libido investida no objeto que se perdeu. Enquanto no luto a libido é redirecionada para a esfera da lembrança e para outros objetos, na melancolia ela se retira para o ego, que se identifica com o objeto abandonado. Valendo-se de uma imagem poética, Freud afirma que a “sombra” do objeto recai sobre o ego. Assim, a autorreprovação que oprime o melancólico expressa, em verdade, críticas ao objeto perdido, com que o ego se identifica.

Ainda que Rosário não constitua em rigor uma melancólica típica – a sura não se autodeprecia nem perde a capacidade de amar –, ela conserva um traço importante dessa configuração anímica, sobretudo no que se refere à identificação com o objeto perdido, plasticamente representada pelas pintas na pupila, na página 29.

Ver FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

## 4. MORTE E LOUCURA

De modo pouco usual na literatura infantil, *Nina e Rosário* explora a carga trágica do conflito, que redundará na morte da protagonista e no enlouquecimento da mãe. A morte aparece em dois momentos-chave da narrativa. O primeiro é quando nasce a angolinha, em meio à morte do restante da ninhada: “Um após outro, iam surgindo os corpinhos sem vida” (p. 13). O outro vem no desfecho, quando o cão Glauco estraçalha a protagonista. E a morte dos irmãos de Nina parece prefigurar o fim trágico da sobrevivente, como se a força que a impelia viesse de certa maneira da ninhada não nascida.

Por isso, a narrativa faz coincidir o voo mais alto da protagonista, que “testava o próprio limite” e “tentava o impossível”, com sua morte. E a tragédia é significativamente anunciada por meio de um intransitivo *acontecer*: “E assim, numa tarde dominieira, de sol morno e céu azul, sem nuvens, aconteceu” (p. 26).

“Penas cobriram o gramado” (p. 27). O leitor se compadece da dor de Rosário, que denega a morte da filha – “desentendera o ocorrido” (p. 28) –, numa atitude de alheamento insinuada no começo da história por meio da alusão à “gravidez psicológica”. É poeticamente pungente a representação desse alheamento: como se a angolinha permanecesse a seu lado, a mãe a chamava para lhe dar comida; “buscava em seus gestos os de Nina”; “ensimesmada, assuntava”; “erguia a vista e girava o pescoço para todos os lados, querendo entender aonde o voo conduzira a linda e esperta angolinha”; “perdida em seu amor e por ele enlouquecida, era como se ainda ouvisse, vez por outra, nas dobras do vento, a voz de Nina entoando seu ‘Tô fraco!’” (p. 28-9). A ilustração final, mostrando as pintas da angolinha na pupila da galinha sura, presentifica a **melancolia** de Rosário, que interioriza a filha perdida.

## 5. AS AVES E A LINGUAGEM FIGURADA

Por meio de uma prosa poética, o autor faz a trajetória de Nina acompanhar as estações do ano: ela nasce na primavera, aproxima-se de sua mãe no verão e morre no princípio do outono.

Elementos da natureza se combinam em metonímias, personificações e rimas para acolher o nascimento da angolinha: “Com tanto barulho, a manhã terminou de sair da casca” (p. 6); “Mas eis que chegou o dia. Primeira manhã de primavera. Fora do ninho, a espera” (p. 11); “A primavera a recebia de braços abertos” (p. 14).



Sem embargo, há também o emprego de símiles, comparações entre bichos e coisas/objetos distantes da esfera natural (galinha = pacote; dentes = tiros), sobretudo na figuração de perigos: “nem bem pregou o olho, perdeu o equilíbrio e se espatifou no chão como um pacote de penas” (p. 25); “Glaucolatia, arreganhando os dentes como quem dá tiros” (p. 26).

De todo modo, o professor pode aproveitar isso para falar do uso de tais recursos estilísticos em expressões populares ligadas ao universo das aves, como “arrastar a asa para alguém” (sentir-se apaixonado), “cantar de galo” (demonstrar autoridade), “dormir com as galinhas” (deitar-se cedo), “fazer bico” (amuar).

## CONVERSANDO COM OS ALUNOS

### ANTES DA LEITURA

#### *Aquecimento e cogitações*

O professor pede aos alunos que se lembrem de histórias envolvendo aves, tanto da literatura como do cinema, dos quadrinhos, dos desenhos animados, da MPB. Para ajudá-los, pode evocar o Patinho Feio, Pato Donald, Pica-Pau, Patolino, Piu-Piu, as canções de Vinicius de Moraes e Toquinho “A galinha-d’angola” e “O pato pateta”. Após esse “aquecimento”, vale deter-se na história “O patinho feio”, instigando a turma a refletir sobre a adoção interespecies e sobre questões de autoestima, preconceito e tolerância.

Ao apresentar *Nina e Rosário* aos alunos, o professor, por meio de perguntas, convida-os a fazer inferências com base na observação da capa e da quarta capa do livro. Capa: por que um ovo no centro, cercado por quatro aves, três delas boquiabertas? Quarta capa: o que levaria uma galinha-d’angola a empoleirar-se no alto de tijolos empilhados, e por que peninhas pelos ares?

### DURANTE A LEITURA

#### *Momentos-chave da história*

Uma das questões formais a serem apontadas é a maneira como a natureza (o clima, as florações das árvores, as estações do ano) acompanha o curso da história. Merecem igualmente atenção as expressões ligadas ao mundo das aves, como “sair da casca”, “bater asas e voar”, “estar de crista baixa”.

Em especial, o professor solicita aos alunos que destaquem e comentem frases e ilustrações que, juntas, condensam passagens marcantes da história, atentando também para a alternância das imagens entre planos abertos e *closes*. Exemplos:

- a. Ovos intrusos no centro da página, cheia de cocoricós: “Que ovos são esses?”
- b. A galinha Rosário chocando, exercitando a maternidade: “Os ovos são meus”.
- c. Ovos perdidos: a agonia, o “canto em desencanto” de Rosário, e a página escura, com cascas abandonadas (“Um após outro, iam surgindo os corpinhos sem vida”).
- d. As diversas imagens de Nina sozinha: ao sair do ovo; empoleirada; uma sombra ciscando; na mira do cão (“cada vez mais angola e mais serelepe”; “Nina brincava sozinha no gramado”; “parecia buscar as de sua espécie” etc.).
- e. Distância e proximidade entre mãe e filha (Nina empoleirada na escada e Rosário embaixo): “Mesmo sem se compreenderem, elas se adoravam!”; “– Venha, mãe! Salte! / A velha galinha, trôpega e sem fôlego, fazia de tudo para satisfazer a filha”.
- f. *Close* nas patas do cão e as penas, “que cobriram o gramado”.
- g. As pintas da angolinha na pupila lacrimosa de Rosário, “perdida em seu amor e por ele enlouquecida”.

## DEPOIS DA LEITURA

O professor sugere aos alunos algumas atividades de pesquisa, criação textual e debate, com o propósito de depois escreverem um livro.

### 1. Expressões idiomáticas e vozes de animais

Um dos passos iniciais consiste em um resumo do trecho, feito pelo professor, usando expressões populares do universo das aves. Por exemplo:

“O conflito do livro advém de Nina não ter ficado *debaixo da asa* de Rosário, porque, angola *da gema*, atendeu ao desejo de *bater asas*. E tudo porque quis *sair da casca*, mas sua mãe angola já *ciscava* em outro terreiro. Onde cão *canta de galo* angolinha *paga o pato*; depois não adianta *fazer bico*”.

Em seguida, a turma se divide em grupos para levantar expressões idiomáticas envolvendo aves (nomes delas, partes de seu corpo) e criar frases com elas. O levantamento pode também incluir vozes de animais e onomatopeias como *cocoricó*, *cocorocó*, *fraquejar*, *cacarejar*, *cocoricar*, *grasnar*, *pipilar*, *crocitar*, *arrulhar* etc.

## 2. Bancando o ornitólogo

Outro passo é propor, contando com o auxílio do professor de Ciências, uma pesquisa sobre aves envolvendo aspectos como *habitat*, alimentação, hábitos reprodutivos etc. Tal pesquisa pode partir de questões mais gerais, entre elas a percepção de diferenças entre as ordens existentes (galiformes, anseriformes, passeriformes etc.), como preâmbulo para uma descrição mais pormenorizada da galinha-d'angola (investigar quantos ovos ela bota em média, o tempo de incubação, o tamanho do ovo, aprendizagem e altura do voo etc.). Posteriormente, os resultados da pesquisa são apresentados em painéis para o restante da classe.

## 3. Das angolas a Angola

A pesquisa biológica sobre as angolinhas pode também conduzir a uma pesquisa geográfico-histórica sobre Angola e sobre palavras de origem africana faladas no português brasileiro.

## 4. Respeito às diferenças

Conhecer melhor as angolinhas, suas semelhanças e diferenças em relação às demais aves, abre caminho para outro passo importante: entender os impasses ligados ao convívio entre diferentes.

O professor pode então propor um debate em torno das seguintes questões: é possível voar alto em um terreiro onde todos vivem ao rés do chão? Em terra de cego, quem tem olho é rei? Medo e ignorância são fonte de preconceito? Por que muitos têm dificuldade de conviver com outros, considerados diferentes? Era necessária a morte da angolinha para que todos se dessem conta de sua relevância?

## 5. Outras histórias

Depois de reunir informações sobre expressões idiomáticas, ornitologia, geografia e história da África, os alunos, divididos em grupos, dedicam-se à produção textual. Considerando a estrutura de *Nina e Rosário*, cada integrante do grupo elabora modificações para o início e/ou o fim da história (planejando também ilustrações), apresenta-as aos colegas e, então, o grupo cria uma nova história ilustrada. Os livros concebidos pelos alunos são depois partilhados entre todos. Alguns estímulos para as novas narrativas: e se mais ovos vingassem, cada qual com uma ave diferente? E se nascessem outros seres, não aves?





E se nascesse uma angola-macho, promessa de disputa com o galo? Se todas as aves se tornassem amigas de Nina, conseguiriam salvá-la do cão? Glauco não teria uma dona, pronta a gostar da angolinha? Como poderia ser um final feliz para a história? E um menos trágico? E um mais triste? E se o cão matasse Rosário?

## SUGESTÕES DE LIVROS E FILMES

---

### PARA OS ALUNOS

#### LIVROS

- HIRATSUKA, Lucia. *O ogro e as galinhas*. São Paulo: Edições SM, 2011. (Coleção Histórias do Quintal).  
Para os irmãos Laura e Carlinhos, caça ao tesouro é buscar ovos nos ninhos ao redor da casa. No entanto, eles precisarão proteger do ogro a carijó e ficar uma semana sem comer ovos.
- LAGERLÖF, Selma. *A maravilhosa viagem de Nils Holgersson*. Tradução: Maria de Castro Henriques Oswald. Belo Horizonte: Itatiaia, s/d.  
Um menino cruel se transforma ao atravessar a Suécia nas costas de um ganso.
- LISPECTOR, Clarice. *A vida íntima de Laura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.  
A vida de uma galinha muito simpática é contada por alguém que adoraria escutá-la dizer burrices cheias de graça e descobrir que gosto minhoca tem.
- LOBATO, Monteiro. O pinto sura. In: *Histórias de Tia Nastácia* (1937). Rio de Janeiro: Globo, 2011.  
Com a turma do Sítio do Picapau Amarelo, o leitor se delicia ao conhecer contos do folclore brasileiro e de outros países, como a Rússia e a Pérsia.
- RAMOS, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. Ilustrações: Roger Mello. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.  
A cabeça pelada, um olho preto, o outro azul, Raimundo sofre, rejeitado. Vai para Tatipirum, onde todos são como ele, carros não atropelam, cobras não mordem; mas é preciso voltar para casa.

## FILMES

- *A fuga das galinhas (Chicken run)*. Direção: Peter Lord e Nick Park. Inglaterra/Estados Unidos, 2000. 84 min.  
A galinha Ginger e o galo Rocky vivem o sonho de fugir da granja da sra. Tweedy.
- *Happy feet, o pinguim (Happy feet)*. Direção: George Miller. Austrália, 2006. 108 min.  
A trajetória do pinguinzinho Mano, isolado por ser diferente dos demais: com pés agitados, seu talento é a dança, não o canto.

## PARA O PROFESSOR

- LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha. In: *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998; *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.  
\_\_\_\_\_. Uma galinha. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBATO, Monteiro. Tragédia dum capão de pintos. In: *Cidades mortas*. Rio de Janeiro: Globo, 2011.
- RAMOS, Graciliano. Minsk. In: *Insônia*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.



---

ELABORAÇÃO DO GUIA IEDA LEBENSTAJN, DOUTORA EM LITERATURA BRASILEIRA PELA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FFLCH-USP). PREPARAÇÃO FABIO WEINTRAUB. REVISÃO MARCIA MENIN.